

Apocalípticos e integrados. Conceitos genéricos e polêmicos criados por Umberto Eco no início da década de 70 marcaram as discussões sobre a indústria cultural e a cultura de massa. Serviram para tipificar ao extremo as análises que se faziam na época: de um lado os que viam a cultura de massa como a anticultura que se contrapõe à cultura num sentido aristocrático – sendo, portanto, um sinal de decadência; e de outro os que viam nesse fenômeno o alargamento da área cultural com a circulação de uma arte e de uma cultura popular consumidas por todas as camadas sociais.¹ Uns recusavam, outros aceitavam. Confrontavam-se pessimistas e otimistas. O apocalíptico consolava o leitor porque o elevava acima da banalidade média. Era super-homem, segundo Eco, porque estava acima da massa e dela não fazia parte. O integrado, por sua vez, convidava o leitor à passividade ao aceitar o consumo acrítico dos produtos da cultura de massa.

O mérito desses conceitos foi o de clarificar uma discussão corrente no campo da comunicação, identificando os argumentos que estavam na base de cada posição. De um lado os chamados “teóricos críticos” da Escola de Frankfurt (Adorno e Horkheimer) que, nos anos 30 e 40, viam na produção de bens culturais padronizados e estereotipados – a comunicação de massa – a capacidade de fornecer aos indivíduos meios imaginários de escape da dura realidade social, debilitando-os, portanto, de sua capacidade de pensar de forma crítica e autônoma. De inspiração marxista, essa corrente de análise entendia a comunicação de massa como um meio de ideologia, um mecanismo de difusão de idéias que promovia interesses das classes dominantes.

No entanto, uma outra explicação desenvolvida nos anos 50 e 60 pelos chamados “teóricos da mídia” (McLuhan e Innis) identificava na própria forma do meio de comunicação o poder de influenciar a sociedade. Argumentavam estes teóricos que o desenvolvimento da mídia eletrônica criava um novo ambiente cultural interacional e unificador, interligado em redes globais de comunicação instantânea denominado por McLuhan como “aldeia global”.² A partir desses pólos de percepção da indústria cultural foram geradas inúmeras pesquisas. Algumas foram fiéis ao pensamento dos fundadores de cada corrente, outras tentaram buscar na multidisciplinaridade elementos para ampliar a compreensão desse objeto.

Mas o fato é que, na contemporaneidade, a base material que constitui a comunicação está mudando profundamente com o desenvolvimento das tecnologias da informação. O tradicional modelo de comunicação massiva baseado no envio de um número limitado de mensagens a uma audiência homogênea está dando lugar a um novo sistema capaz de abranger e integrar todas as formas de expressão, diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais. É o que se denomina de convergência entre as telecomunicações, os meios de comunicação de massa e a informática beneficiada pela digitalização dos mais diversos tipos de informação (voz, dados, som, texto e imagens), e identificada pelo seu alcance global, pela interatividade e integração de todos os meios em uma rede. Essa nova configuração, segundo Castells³, irá proporcionar o fim da audiência massiva e o surgimento da comunicação mediada pelo computador, marcada pela interatividade e pela individualização/personalização do consumo de informação.

A grande diferença em relação a outras revoluções tecnológicas do passado é que, na atual, a matéria-prima é a informação moldada pelo novo meio tecnológico que é o computador: “São tecnologias para agir sobre informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia”, afirma Castells.⁴

Diante dessas mudanças em curso fica uma questão: será que as análises desse fenômeno ainda refletem pólos dicotômicos? Os conceitos “apocalípticos e integrados” foram esquecidos ou ainda ajudam a tipificar as análises sobre o impacto das tecnologias da informação na sociedade contemporânea? Há uma nova forma de reflexão sobre a comunicação em tempos de globalização que supere as análises dualistas?

Para um exame dessas questões foram escolhidos textos de Pierre Lévy, Lucien Sfez e Manuel Castells⁵, autores que, de certa forma, sintetizam tipos mais frequentes de análises sobre a revolução tecnológica. Como os argumentos de cada um desses autores confrontam-se ou remetem aos tempos dos apocalípticos e integrados, eles pautarão a discussão neste *paper*. Afinal, um bom parâmetro para pensar é a partir do campo das controvérsias como algo problemático em si e, em geral, aberto e passível de reconstrução e intervenção.

O bem e o mal, o céu e o inferno

Taquigrafar mudanças em curso é sempre um desafio; a realidade apresenta-se flexível, móvel e aparentemente inabarcável. Na busca de elementos para reflexão, uma visita ao passado parece inevitável. Quem faz essa incursão é capaz de se deixar influenciar pelo que encontrou no baú. Ao trazer para o presente suas descobertas, pode dar-lhes novas interpretações, ou às vezes, simplesmente, revivê-las com a mesma intensidade do passado, a exemplo dos memorialistas capazes de narrar fatos de outrora com a mesma força e emoção sem se contaminarem pela visão do presente.

Nas análises sobre as mudanças verificadas no campo da comunicação ainda é possível identificar ecos do passado; velhas questões ressurgem com a mesma força e intensidade. Senão vejamos. Tanto as análises de apocalípticos quanto a de integrados respondiam, cada uma à sua maneira, a questões fundamentais sobre a influência e o impacto da cultura de massa. Os meios de comunicação determinam ou não a visão de mundo do indivíduo? As mensagens oriundas da comunicação de massa alienam ou libertam o homem? A cultura de massa é boa ou má para o indivíduo? O receptor é passivo ou ativo diante dos *media*? Os meios de comunicação são propulsores ou não de progresso?

É interessante observar que essas questões ainda estão presentes nas reflexões sobre a revolução contemporânea da comunicação impulsionada pelas tecnologias da informação. Os textos de Lévy e Sfez selecionados para essa análise são exemplares nesse aspecto.

Lévy está afinado com a perspectiva integrada. Sua visão da revolução das tecnologias da informação é positiva. Exalta as mudanças e aposta em promessas de redenção, salvação, paz e solidariedade. Ao fazer uma análise histórico-evolucionista da revolução contemporânea das comunicações, da qual emerge o ciberespaço, Lévy vê com naturalidade o progresso das tecnologias da informação e sua capacidade de favorecer à constituição de uma inteligência coletiva:

“... as redes de computadores carregam uma grande quantidade de tecnologias intelectuais que aumentam e modificam a maioria de nossas capacidades cognitivas: memória (..) raciocínio (..) capacidade de representação mental (...) e percepção (...). O domínio dessas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos contextos humanos que as utilizam de maneira adequada”.⁶

Lévy não acredita que a interconexão dos computadores possa levar à passividade:

“Um aparelho de televisão é um receptor passivo, uma extremidade da rede, uma periferia. Um computador é um instrumento de troca, de produção e de estocagem de informações. Ao canalizar e entrelaçar múltiplos fluxos, torna-se um centro virtual, instrumento de poder”.⁷

O poder favorecido pela extensão do ciberespaço não será hierárquico à moda antiga, segundo Lévy, até porque trata-se de uma comunicação não de “um para todos”, mas de “todos para todos”:

“...será um poder nascido da capacidade de aprender e de trabalhar de maneira cooperativa, relacionado com o grau de confiança e de reconhecimento recíproco reinantes num contexto social (...) A questão do poder (ou do centro) e da exclusão (ou da periferia) deve remeter-nos às nossas capacidades coletivas aqui e agora ou de forte animosidade, pouco indicadas para resolver qualquer tipo de problema”.⁸

Os riscos de manipulação e de controle da informação por intermediários institucionais que exerçam as funções de filtragem e de difusão parecem totalmente descartados na existência do ciberespaço:

“O pluralismo não é um fator de agravação dos riscos de manipulação, de desinformação ou de mentira, mas, ao contrário, uma condição para que vozes minoritárias, opositoras ou divergentes possam ser escutadas. (...) Os novos processos de intermediação, em contrapartida, resultam dos próprios indivíduos, e correspondem, de maneira fina, em função de certo trabalho, às necessidades e aos interesses deles”.⁹

Esse sistema de comunicação, na visão de Lévy, tende claramente a uma rápida expansão, mais veloz do que outros do passado. E por isso haverá cada vez menos excluídos, pois trata-se de um lugar onde há espaço para todos.

“O ciberespaço aponta para uma espécie de monoteísmo imanente na esfera remodelada da comunicação e da cultura. Paradoxo: esse fenômeno origina-se especialmente no fato de que há mais separação entre os proprietários e os outros. Todo mundo terá o seu campo e todos os campos confluem. Eis aqui o paganismo generalizado até ao monoteísmo, o universal sem totalidade”.¹⁰

Sendo assim, a análise dos integrados da era informacional, como Lévy, traz uma certa necessidade atávica de prever o futuro, de indicar uma direção. Além disso, entende o processo atual como inevitável, irreversível, de longa duração e dotado de grande transparência.

Se para Lévy há um caminho tranqüilo para uma nova era de prosperidade, o apocalíptico Sfez vê o mundo ameaçado pelas mudanças. A revolução das técnicas do pensamento exalta e perturba a razão habitual. Há uma nova razão que “se introduz nos fundamentos constitutivos do espírito e exerce, a despeito de nossas vontades, sábias manipulações”.¹¹ A idéia de que somos controlados por mãos invisíveis, ao estilo do *Grande Irmão*¹², perpassa esse tipo de análise. O pensamento em rede, ao contrário de ser libertador, como evoca Lévy, é, na visão do apocalíptico Sfez, um “olhar totalizante ou até mesmo totalitário”. As tecnologias da informação são denominadas por ele como “tecnologias do espírito” que tornam-se “tecnologias de visão totalitária”.¹³

A rede de computadores, um dos paradigmas da nova era informacional, por exemplo, retoma a visão circular do mundo, mas na verdade seu conceito, segundo Sfez, “aclimata os espíritos à refundição dos elementos tradicionais do conhecimento, que são a causalidade e a linearidade, o determinismo e a não-contradição”.¹⁴ Com esta afirmação, Sfez desconfia das apologias da modernidade e práticas recomendadas por elas, apresentadas como novas sob o título de rede:

“...trata-se mesmo de outro mundo, camuflado pela bastante antiga e tranquilizadora metáfora corporal da rede. Nessa mistura sutil, não se sabe bem quem vencerá, nosso corpo ou a técnica. Mas o interesse nessa disputa é bastante claro: a rede impõe-se a todos como tecnologia do espírito”.¹⁵

O quadro atual do império da rede leva ao paradoxo:

“(...) o paradoxo se torna uma tecnologia capaz de reinar com domínio absoluto, tão mais absoluto que um paradoxo não pode sofrer contradição. Pois é preciso notar que, no caso de um jogo de linguagem, podia-se tratar o paradoxo como alguma coisa de extraordinário, dizendo: ‘Afinal de contas, nada mais é do que um paradoxo, como tudo mais’. Reviravolta a qual não falta tempero, e faz-nos entrever a verdadeira função e toda potência dessa tecnologia do espírito: permiti-nos, apesar de tudo, preservar nossa identidade ameaçada, desintegrada a arcaica constituição do ego para substituí-la por uma nova identificação, difícil, frágil, paradoxal”.¹⁶

De acordo com esta perspectiva, os computadores, base da constituição da rede, nada mais seriam do que simulacros, uma falsificação, imitação:

“Não seriam unicamente paradigmas, úteis ao conhecimento das leis do pensamento. (...) Os computadores não simulam, são, enquanto simulacros. Assim, podem prefigurar um mundo sem avesso, nem direito, sem ontologia; um mundo específico, ilimitado. Esse mundo sem avesso nem direito é o do paradoxo.(...) é o que encarnam os novos meios de comunicação, encerrando a informação sobre eles mesmos (...)”¹⁷

Até mesmo a interação, vista de modo apologético pelos integrados, ilustra, na visão de Sfez, “a era da confusão” :

“A interatividade, assim propagandeada e em evidência, torna-se um passaporte que suprime pavor e desconfiança e, pela promessa de um diálogo enriquecedor, faz passar a pílula. (...) Essa pequena interatividade, ou argumento de venda, não é neutra, o que se imagina com facilidade”.¹⁸

No sentido oposto aos integrados, Sfez vê, nos conceitos de rede, paradoxo, simulação e interatividade exercendo na contemporaneidade uma violência da qual o sujeito não tem como escapar. Novamente retoma aqui a idéia, perseguida pelos apocalípticos, da passividade do sujeito, incapaz de conceber a si mesmo como ator.

É interessante observar que essa incapacidade de reação do sujeito está na dificuldade de resistir à sedução da rede. A palavra sedução, por ser insidiosa, revela desejo, luxúria, afeição sem racionalidade, e parece, por assim dizer, cooptar sem qualquer nesga de relutância. Estaríamos diante de uma nova gênese do pecado original?

É certo que não se pode tomar por engano a revolução na comunicação e na informação, por exemplo, como a concretização de ideais maiores da realização humana. No entanto, não se pode recusar o caráter avassalador das tecnologias da informação. O problema das análises dualistas reside na ausência de mediações que acaba por exacerbar a polarização, não permitindo ver as nuances, as zonas cinzas e claras desse processo. Em vez de mediação – que seria fundamental para entender a dinâmica dos processos sociais –, essas análises evocam dicotomias que somente servem para evidenciar seu colapso ante a necessidade de novos paradigmas conceituais que permitam captar, em seus próprios termos, a nova situação que vivemos. Em certa medida, as reflexões de Sfez e Lévy repetem erros já apontados por Eco ao criticar a abordagem de apocalípticos e integrados:

“O erro dos apologistas é afirmar que a multiplicação dos produtos da indústria seja boa em si, segundo uma ideal homeóstase de livre mercado, e não deva submeter-se a uma crítica e a novas orientações. O erro dos apocalípticos aristocráticos é pensar que a cultura de massa seja radicalmente má, justamente por ser um fato industrial, e que hoje se possa ministrar uma cultura subtraída ao condicionamento industrial.”¹⁹

Enfim, o pensamento dualista tem dificuldade de operar com categorias que considerem as diferentes visões como faces do mesmo processo. Somente aceitando-as como complementares, embora sejam antagônicas, é possível traçar um caminho para a intervenção.

Ao pensar sobre o assunto, Eco perguntava: “Qual é a ação cultural possível a fim de permitir que esses meios de massa possam veicular valores culturais?” A intervenção cultural era, na sua visão, uma estratégia para mudar a fisionomia do fenômeno da cultura de massa. Uma tarefa que não poderia ignorar o interior do modelo. Ou seja, era necessário entender seu funcionamento e conhecer o material sobre o qual se trabalha. Significava reconhecer que a industrial cultural é controlada por grupos econômicos e que tem fins lucrativos.²⁰

Talvez este seja o caminho para pensar o impacto da revolução das tecnologias da informação para além das dicotomias. É neste sentido que caminham as reflexões descritivo-informativas sobre a base material da atual revolução, permitindo ver o interior do processo para produzir uma outra perspectiva sobre os reflexos do alcance e a abrangência global da mídia na contemporaneidade.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

Descrever para compreender. Numa direção oposta à dos integrados e apocalípticos dos tempos da globalização, Castells, com seu método descritivo-informativo, propõe-se a contestar as “várias formas de niilismo intelectual, ceticismo social e descrença política”²¹, enfatizando a possibilidade de construir um discurso sobre a revolução tecnológica, a nova etapa do capitalismo e da estrutura social fundamentado na razão, sem apologias ou utopias absolutas. A partir da observação e análise de fatos, apoiado em estudos empíricos e fontes estatísticas, Castells localiza esse processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado.

O mérito de sua análise é situar a revolução atual no processo histórico de desenvolvimento das forças produtivas. Quer dizer, a revolução tecnológica originou-se e difundiu-se num período histórico de reestruturação global do capitalismo para o qual foi uma ferramenta básica. A perspectiva teórica que fundamenta a leitura de Castells postula que “as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder.”²²

Desse ponto de vista, Castells vê o surgimento de um novo modelo de desenvolvimento denominado de “informacionalismo”, moldado historicamente pela reestruturação do modo capitalista de produção no final do século XX. A era do informacionalismo baseia-se nas tecnologias de conhecimento e informação, e tem íntima ligação entre cultura e forças produtivas, entre espírito e matéria. Evidentemente que na base desse processo está a comunicação mediada por computadores, pelo seu potencial integrador em redes globais. E a rede, na visão de Castells, é um espaço de reprodução do capital de tipo diferente, ou seja, de abrangência global.

Fica evidente o esforço de Castells em construir uma análise multidimensional que coloca em jogo um outro modo de construção do pensamento. A busca da multidimensionalidade – contra a fórmula clássica do pensamento que não permite pensar a unidade na diversidade ou a diversidade na unidade – é o grande desafio dos estudos sobre as transformações em curso, em especial no

campo da comunicação. Afinal, a comunicação é um espaço onde se partilham relações, associações, mediações e diversas abordagens.

Diferentemente de outras disciplinas ou objetos de estudos, a comunicação é ao mesmo tempo paradigma, campo interdisciplinar, fenômeno, prática ou conjunto de práticas, processo e resultado, parte essencial da cultura e inovação cultural, suporte simbólico e material de intercâmbio social, âmbito onde se luta, ganha, perde, registra, envolve agentes sociais. E, além de tudo isso, é ferramenta de interlocução, espaço de conflitos, conjunto de imagens, sons, sentidos e linguagens.²³ Como abarcar tantos aspectos diversos em uma única análise?

É verdade que a metodologia de Castells leva em consideração o processo histórico da comunicação no âmbito da nova etapa do capitalismo, que é impulsionada pelas tecnologias da informação. Disso resulta uma análise que incorpora a dinâmica das contradições e dos conflitos presentes nesse fenômeno como faces do mesmo processo, como se pode observar nestas passagens:

entendido aqui enquanto processo civilizatório simultaneamente social, econômico, político e cultural e, como tal, capaz de gerar contradições, estimular novas acomodações e alianças estratégicas; reaglutinar, dispersar e tensionar forças e grupos de poder.²⁹ A exata dimensão desse cenário em construção pode ser apenas sentida pelas suas configurações mais evidentes.

O certo é que as análises dualistas sobre a comunicação na era das tecnologias digitais da informação – como Eco já apontava ao identificar os apocalípticos e integrados – revelam-se pouco esclarecedoras. As que surgem tentando estabelecer um pensamento teórico único, com categorias de totalidade, de validação geral e consensual, tendem a fracassar diante da complexidade do real. As que se apoiam na profusão de metáforas não colaboram para a precisão conceitual; confundem mais do que esclarecem a pretexto de provocar polêmica. Os que primam por fazer descrições que conduzem a previsões do futuro não permitem uma leitura real do presente e, talvez por isso, erram em suas profecias. Ao tentar fazer futurismo, alguns pesquisadores não percebem que, em termos de tecnologia digital, o futuro é o presente.

Sendo assim, trata-se de discutir não apenas as tecnologias da informação e comunicação em si, suas formas operativas e seu impacto econômico, mas também suas fundamentais inter-relações e vínculos com a sociedade e a cultura. Relacioná-las com estes aspectos e inseri-las também na dinâmica das forças que se organizam no sentido de contestar os aspectos negativos dessa nova etapa do capitalismo são atitudes que nos remetem a caminhos promissores para análises compreensivas. Significa colocar em evidência, entre outras, questões como: a redução das fontes públicas de informação; a concentração das forças de informação em poucos conglomerados de comunicação; os mecanismos que levaram empresas transnacionais de mídia a tornarem-se uma força econômica de atividade global; a submissão da vida cultural à soberania da técnica e da tecnologia; a existência de sociedades que não se defendem do excesso de informação, e de outras que se negam a ceder ao domínio das redes de comunicação.

Cautela e ceticismo são recursos epistemológicos que a ciência coloca à disposição dos pesquisadores e que devem ser exercitados neste momento com o equilíbrio necessário para que não se caia nos extremos fatalistas ou apologistas. É preciso ter em mente que estamos diante do desafio de dar forma conceitual sólida a um campo de investigação em mudanças. Os desdobramentos do impacto das tecnologias da informação e da comunicação na era da globalização são indefinidos e múltiplos, vários e complexos, abrangentes e com implicações sobre todos os segmentos da vida política, social, econômica e cultural. Para uma reflexão compreensiva é fundamental encarar esse fenômeno contemporâneo como um processo histórico-social de uma outra natureza, que pode ser explicado pelos seus nexos e relações, mas dentro de um novo paradigma no qual o conhecimento tende a ser plural, multidimensional e não dualista. Enfim, as tecnologias não salvam, mas não conduzem necessariamente ao inferno.

* Professora da Faculdade de Comunicação da UnB. Doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

Notas

1 Eco, 1993, p.8-9

2 Outhwaite e Bottomore, 1996, p.114-115 (verbete *Comunicação de massa*).

3 Castells, 1999, p.78

4 *Idem*, p.78.

5 O textos selecionados para análise foram: 1.Lévy, “A revolução contemporânea em matéria de comunicação” (*in* Martins e Silva - orgs., 2000); 2. Sfez, “As tecnologias do espírito”, (*in* Martins e Silva - orgs., 2000); 3. Castells, 1999, cap.1 “A revolução da tecnologia da informação” e cap.5 “A cultura da virtualidade real: integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas”

6 Lévy: “A revolução contemporânea em matéria de comunicação” (*in* Martins e Silva - orgs., 2000, p.203-204)

7 *Idem*, p.203

8 *Ibidem*, p.205

9 *Ibidem*, p.209

10 *Ibidem*, p 215

11 Sfez: “As tecnologias do espírito” (*in* Martins e Silva, 2000, p.120

12 Expressão cunhada por George Orwell no romance *1984* para designar o que seria o mundo naquele ano, quando Estados totalitários controlariam todos os indivíduos de forma total e eficiente por meio de sistemas tecnológicos de vigilância. Sem liberdade, todos teriam até mesmo os seus pensamentos controlado pelos olhar invisível do *Grande Irmão*.

13 Op.cit., p.121

14 *Idem*, p.123

15 *Ibidem*, p.123

16 *Ibidem*, p.126-127

17 *Ibidem*, p.130

18 *Ibidem*, p.130

19 Eco, 1993, p.49

20 *Idem*, p.52-53.

21 Castells, 1999, p.24

22 *Idem*, p.35

23 Ver Gomez Orozco, 1997 e Wolf, 1987

24 Castells, 1999, p.380

25 *Idem*, p.383-384

26 *Ibidem*, p.389

27 O número de brasileiros com acesso à Internet em suas residências, chegou a 9,8 milhões em dezembro de 2000, o que representa pouco mais de 5% do total da população. Segundo pesquisa da Nielson/NetRatings, divulgada em janeiro de 2001 pela WebWorld, o país tem 4,8 milhões de usuários ativos que acessam a Web pelo menos uma vez durante o mês. Estes números não diferem muito da situação mundial. Cerca de 6 bilhões de pessoas usam a Internet em todo mundo, o que representa 5% da população. Alemanha, Reino Unido, Itália, França, Holanda, Espanha, Canadá e Estados Unidos concentram mais de 89% dos internautas do mundo, segundo uma pesquisa realizada pela ONU. (“Abismo Tecnológico”. *Folha de São Paulo*, 23.06.2000)

28 Ver Prado, 2000

29 Ianni, 1993, p.135-162

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultural*. (Volume 1 - *A sociedade em rede*). São Paulo: Paz e Terra, 1999.

- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993, 5ª ed.
- GÓMEZ OROZCO, Guilherme. *La investigación de la comunicación dentro y fuera de América Latina - tendencias, perspectivas y desafíos del estudios de los medios*. Argentina: Ediciones de Periodismos y Comunicación, 1997.
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- MARTINS, Francisco e SILVA, Juremir (Org.) *Para navegar no século 21 – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre, Sulina/Edipucrs, 2000, 2º ed.
- ORWELL, George. *1984*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1983.
- OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio- a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.
- PRADO, José Luiz Aidar. *A naturalização da rede em Castells*. XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, GT Teoria da Comunicação. Manaus, 2000.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença, 1987. 1º ed.